



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO, MÍDIA E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Nadia Farias dos Santos; Simone Cabral Marinho dos Santos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, nadia26farias@gmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Simone.cms@hotmail.com

RESUMO: este artigo intitulado Educação, mídia e discriminação racial tem como objetivo explicitar a invisibilidade das questões étnico-raciais em escolas da rede estadual de ensino da cidade de Patos-PB, e por meio da análise das práticas educativas dos professores, possibilitar a reflexão e uma maior percepção do fenômeno da discriminação racial no campo da educação. O Brasil é um país indiscutivelmente marcado por sua heterogeneidade cultural e humana. No que compete aos negros enquanto componentes desse cenário, sofreram e ainda vem sofrendo com a imagem construída nos séculos de exploração a que foram submetidos e ainda hoje marcam as histórias individuais e coletivas dessa parcela significativa da população brasileira. A mídia é um veículo disseminador de informações, culturas, estereótipos, referências. Ela é uma ferramenta poderosa na construção do imaginário coletivo. Pesquisa realizada com os professores das escolas públicas do ensino fundamental e médio da cidade de Patos na Paraíba. Estudo com enfoque quantitativo dominante com dados analisados na perspectiva estatística associada à análise qualitativa na busca de estabelecer uma melhor compreensão do fenômeno em estudo. Entre os dados coletados pela pesquisa, 29% dos professores admitem o despreparo para o trabalho com a temática em sala, dos 68% que atestaram estar preparados, 20% deles não se sentem confortável com o tema, muito menos em sala de aula. Em relação à invisibilidade das questões étnico-raciais não há dúvidas que a mídia exerce contribuição negativa na sociedade e consequentemente na escola ao negar representações sociais igualitárias aos negros (as).

Palavras – chaves: discriminação racial, mídias, práticas pedagógicas, prática escolar, invisibilidade.

INTRODUÇÃO

Se olharmos atentamente para nós mesmos, na nossa condição de seres humanos perceberemos que uma das características que temos em comum é a de sermos diferentes. O mundo é uma miscelânea de cores, línguas, valores, etnias, culturas,



diversidades, construídas nas experiências vivenciadas e apreendidas ao longo do tempo e da história.

Numa sociedade reprodutivista (BOURDIEU, 2007), complexa, plural e desigual como a brasileira, a diversidade está mais que presente em suas várias dimensões. Para Gomes (2008) diversidade é muito mais do que a simples identificação visual de diferenças, mas um conceito político e cultural a ser entendido e ampliado.

A diversidade e suas diferentes temáticas se constroem no imaginário das representações sociais, no contato com o outro e na relação entre esse outro e o eu, no reconhecimento e respeito, na valorização da sociedade pluriétnica e multicultural do Brasil.

Como sujeitos históricos, sociais e culturais a diversidade nos é inerente, é própria do humano. É o contato com as nossas semelhanças e diferenças é que nos dá o sentimento de pertencimento, que forma a nossa identidade de gênero, étnica, social e cultural, entre outras.

Entender diversidade como diferenciação observável (cabelo, cor de pele, etc.) não abrange a totalidade de entendimentos da palavra diversidade para além de seu significado semântico, para além das semelhanças e diferenças. Para entendermos a diversidade se faz necessário compreender suas especificidades e a construção histórica dos vários grupos sociais, culturais e étnicos.

Este artigo tem como objetivo explicitar a invisibilidade das questões étnico-raciais em escolas da rede estadual de ensino da cidade de Patos-PB, e por meio da análise das práticas educativas dos professores, possibilitar a reflexão e uma maior percepção do fenômeno da discriminação racial no campo da educação.

A representação do negro no imaginário coletivo

O Brasil é um país indiscutivelmente marcado por sua heterogeneidade cultural e humana. No que compete aos negros enquanto componentes desse cenário, sofreram e ainda vem sofrendo com a imagem construída nos séculos de exploração a que foram



submetidos e ainda hoje marcam as histórias individuais e coletivas dessa parcela significativa da população brasileira.

A primeira depreciação da pessoa negra veio com a perda da sua liberdade, a sua transformação em coisa, em mercadoria. O tratamento mercantil e humilhante dado aos negros com a escravidão imprimiu o estigma da servidão. Albuquerque e Filho (2006, p. 69) relatam a condição do escravo na luta pela sobrevivência: “E isso significava esforço cotidiano para modificar e mesmo subverter as condições de domínio escravista. [...]”.

A herança dessa servidão como narrativa histórica imprimiu no imaginário coletivo a perpetuação da imagem pejorativa das pessoas negras, pesando sobre elas as marcas deixadas pelos estigmas raciais e dispensando a elas por parte da sociedade um tratamento de desconsideração e desprestígio.

Com a perda da liberdade a identidade pessoal e étnica - outra depreciação empreendida aos negros - sofre o cerceamento e aculturação e com isso a história passa a ser contada do ponto de vista do dominador/escravizador que delineia sobre os dominados/escravizados a imagem que lhe convém e que justifica a sua superioridade. A língua/linguagem é um dos veículos de transmissão e conservação das imagens, estigmas, estereótipos, crenças, valores, histórias como diz Scliar (1994, p.10):

[...] a linguagem, a capacidade de comunicação através das palavras é o aspecto mais característico da espécie humana. Mas a linguagem não é apenas comunicação. Ela é também um veículo de crenças, de valores, de modelos comportamentais, e como tal tem uma história. [...].

Por meio do discurso a falsa imagem do negro como vadio, preguiçoso, indolente é amplamente difundida e serve como uma das justificações de sua escravização. Portanto, a linguagem é um veículo de dominação e um instrumento de difusão de preconceitos, estereótipos e marcação de lugares e espaços ocupados pelos grupos na sociedade.

A imagem do negro foi forjada pelo olhar europeu e concebido pelo racismo com uma estrutura de poder para manter as expectativas de determinadas parcelas da



sociedade. No imaginário europeu a cor negra era atribuída a marca do mal, da depravação, da degeneração, estendendo-se esse imaginário as suas colônias. Em relação à cor branca percebe-se o contrário, sendo considerada a cor da pureza, bondade, do bem.

Diante das significações em torno da palavra negro, em torno do “ser negro” – em sua maioria pejorativa - faz-se necessário desconstruir esse imaginário social que ainda vigora na sociedade. Os discursos racistas precisam ser enfraquecidos e desmascarados, quebrando sua legitimação a partir do conhecimento da história omitida desde os bancos escolares, do conhecimento dos heróis e heroínas negros, da influência africana na construção da história e da cultura brasileira. É preciso perceber o que há além dos discursos e combater as imagens negativas do negro introjetadas em nossa sociedade desde a colonização e oferecer a todos os brasileiros a oportunidade de conhecer, respeitar e valorizar todas as matrizes culturais que formam o povo brasileiro.

O poder da mídia na influência dos estereótipos sociais

A mídia é um veículo disseminador de informações, culturas, estereótipos, referências. Ela é uma ferramenta poderosa na construção do imaginário coletivo. Nessa perspectiva, por muito tempo a imagem do negro foi difundida nos meios de comunicação e nos discursos da sociedade como um ser inferior e subalterno, Souza et al (2005, p. 169) fala sobre o cerceamento das imagens positiva do negro pela mídia:

A mídia exerce grande influência na configuração dos valores sociais e estéticos do grande público e, historicamente, tem impedido a veiculação da imagem do afro-brasileiro e de seus valores positivos, ou refletido e recriado uma imagem estereotipada difundida pelos ideais e ideias racistas.

A mídia oferece um grande contributo negativo quando através de seus vários meios de comunicação: jornais, revistas, rádios, televisão, internet entre outros, atuam na cristalização de estereótipos, isto acontece quando ela não oferece ao seu público



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

imagens e discursos positivos em relação à população negra, agindo dessa forma, na permanência do racismo em nossa sociedade.

O racismo presente nas relações sociais, ganha um contorno de naturalidade ao se visualizar os negros em situações e espaços desprestigiados pela sociedade, como nas telenovelas, que determinam como espaço para as personagens negras a cozinha, o jardim, a garagem, o comércio informal, sem contar que o rosto e a cor da periferia, da malandragem – no sentido negativo – ou da bandidagem é em sua maioria negra. É necessário como diz Ramos (2007, p. 8) uma discussão sobre os meios de comunicação: “Discutir as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade é, em grande medida, discutir as matrizes do racismo no Brasil”.

A invisibilidade é uma das marcas do racismo no Brasil e uma de suas estruturas mais eficientes. É preciso que haja visibilidade para os negros, não apenas por intermédio de mecanismos legais, mas pela ocupação dos espaços sociais, culturais e midiáticos a que tem direito e aos quais foi negado historicamente e com isso romper os mecanismos de exclusão.

Essa invisibilidade causa danos à construção da autoimagem da identidade do negro (a), uma vez que, a ausência de representação étnica na mídia, na história, na escola ocasiona a valorização da cultura hegemônica e provoca nesse grupo étnico um sentimento de menos valia e a adoção da cultura dominante como referência em detrimento de sua própria cultura, já que ela é desconsiderada socialmente.

A mídia nesse contexto deveria estar aliada a desconstrução do preconceito e dos estereótipos e ao favorecimento de imagens positivas da história e cultura negra, com vistas a fornecer à sociedade brasileira e a escola, a reconstrução da sua imagem de nação que possui em suas raízes diversidade étnica e pluralismo cultural.

Contribuições da escola para a construção das identidades

A escola é um espaço de convívio social para onde confluem a diversidade do povo brasileiro. Esse “locus” oportuniza a interação entre os grupos sociais de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pertencimento étnico e cultural diferentes e muitas vezes essa relação é marcada por conflitos oriundos da carga histórica, cultural e social que marcam determinados grupos desfavoravelmente em relação a outros.

A prática da escola em situações de discriminação por parte de seus diversos atores, ainda consiste em ignorar ou desvalorizar essas situações que acabam por desestabilizar os alunos e alunas negros gerando sofrimentos a eles. A omissão da escola e dos professores causam danos à autoestima e a construção de uma identidade positiva por parte desses alunos.

Visibilizar as situações de discriminação no interior da escola, romper com o silêncio instaurado e agir administrativa e pedagogicamente contra as manifestações preconceituosas e discriminatórias no espaço escolar são medidas urgentes que cada instituição de ensino deve promover a fim de evitar danos físicos, morais ou psicológicos aos alunos e alunas negros expostos continuamente a essas violências. A respeito disso Silva Jr. (UNESCO, 2002, p. 14) comenta:

As manifestações da discriminação racial na escola conformam um quadro de agressões materiais ou simbólicas, de caráter não apenas físico e/ou moral, mas também psíquico, em termos de sofrimento mental, com consequências ainda não satisfatoriamente diagnosticadas, visto que incidem cotidianamente sobre o alunado negro, alcançando-o já em tenra idade.

As diversas situações de discriminação racial a que são expostos os alunos (as) negro (as) e que geram traumas profundos, na maioria das vezes estão na base dos insucessos escolares que acabam por manter a distância educacional entre negros (as) e brancos (as). Essas diferenças culminam por refletir no acesso a postos de trabalho com menores remunerações, uma vez que, estão mais sujeitos a reprovações sucessivas, a evasão escolar e a baixo desempenho e com isso menos acesso às universidades e consequentemente a qualificação profissional.

A mudança da prática dos professores passa pela mudança de suas mentalidades, do conhecimento de sua própria história, da (re) construção de sua identidade enquanto sujeito e enquanto profissional de educação, a fim de que eles possam oferecer uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educação reflexiva, que valorize as diversidades e possibilite ao educando construir uma identidade positiva de si mesmo e principalmente a ter o direito de reconhecer a sua história contemplada e valorizada nos bancos escolares.

Acerca de docentes e discentes e na crença da educação como transformadora de realidades Munanga (2005, p. 17) discorre:

[...] No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

Na perspectiva da educação como transformadora da sociedade e a escola como seu principal veículo e espaço privilegiado de interações sociais, de estabelecimento de reflexões e desconstruções de cultura racistas, é urgente construir dentro das escolas um ambiente que favoreça a convivência harmônica entre os diferentes jeitos de ser e de estar no mundo, entre as diferentes culturas permitindo que todos possam sentir-se acolhidos e valorizados enquanto sujeitos, no qual suas vivências e histórias são consideradas e incluídas nas práticas escolares, contribuirá sobremaneira para que o alunado negro e não negro construam relações sociais mais saudáveis e menos danosas a saúde intelectual, física e psicológica desses indivíduos.

METODOLOGIA

Pesquisa realizada com os professores das escolas públicas do ensino fundamental e médio da cidade de Patos na Paraíba. Estudo com enfoque quantitativo dominante com dados analisados na perspectiva estatística associada à análise qualitativa na busca de estabelecer uma melhor compreensão do fenômeno em estudo.

Das 15 (quinze) escolas de ensino fundamental e médios compartilhados existentes na cidade no ano de 2013, com 432 professores, foram selecionadas 7 (sete) com 283 professores sobre os quais foi plicado a fórmula para população finita (GIL, 2009),



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

obtendo-se como resultado o valor amostral de 151 dos 283 professores das sete escolas. Foram distribuídos 151 questionários em observância a amostra calculada para esse estudo e devolvidos 132, o que correspondeu a 87,4% de devoluções.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Iniciamos a nossa busca pela compreensão do fenômeno em estudo perguntando aos professores sobre o significado dos termos: preconceito, racismo e discriminação. 43,2% responderam que possuem o mesmo sentido, 53,7% afirmaram que elas não tem o mesmo significado, portanto, refere-se a palavras distintas, 0,8% não tem informação a esse respeito e 2,3% não responderam a esse quesito. Esse aspecto da pesquisa demonstra que há parcela preocupante dos docentes que desconhecem o significado das palavras e com isso seu conteúdo ideológico. Uma questão importante a ser inferida diz respeito ao fato de que se as maiorias dos professores assinalaram ter conhecimento da diferença dos significados dessas palavras, se isso os faz habilitados para reconhecerem os contextos em que essas situações surgem e a atuarem adequadamente no cotidiano da escola e da sala de aula.

Outra indagação aos docentes foi se eles já tinham presenciado alguma situação de preconceito, discriminação ou racismo nas escolas, 51% dos professores responderam que sim, 47% que nunca presenciaram essas situações na escola e 2% não responderam esse quesito. Ampliando essa perspectiva, o professor foi exposto à pergunta sobre o presenciamento em sala de aula dessas posturas, no que eles responderam que 49% já presenciaram representações da discriminação e do racismo em sala de aula, 49% afirmaram que não e 2% escolherem a não responder a essa questão.

Para compreender melhor a posição dos professores em relação às situações de violência em sala de aula, perguntamos a todos os que já as vivenciaram, qual ou quais atitudes foram tomadas para solucioná-las. Para 10,7% dos docentes chamar a atenção foi a decisão mais apropriada, para a maioria o diálogo é o certo a fazer diante dessas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

situações, 16,9% promoveram atividades em sala de aula com a utilização de textos, vídeos, entre outros materiais, 3% preferem chamar a direção da escola para auxiliá-los nesses momentos e 23% não responderam a essa pergunta. Dentro dessa perspectiva perguntamos aos professores se eles se sentiam preparados para trabalhar a temática étnico-racial em sala de aula. Os dados apontam que 29% dos professores admitem o despreparo para o trabalho com a temática em sala, dos 68% que atestaram estar preparados, 20% deles não se sentem confortável com o tema, muito menos em sala de aula.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que compreender a dinâmica de sala de aula e as ações da escola em relação à temática racial é muito importante, bem como, mapear o trabalho do professor nos momentos de violência sofrido pelos alunos (as) negros (as) nas salas de aulas de nossas escolas. Além de mapear, é importante descobrir o nível de preparação e de comprometimento dos docentes para a realização desse trabalho.

Quanto à invisibilidade das questões étnico-raciais não há dúvidas que a mídia exerce contribuição negativa na sociedade e conseqüentemente na escola ao negar representações sociais igualitárias aos negros (as). Também podemos afirmar que a vivência de experiências bem fundamentadas e ancoradas em conteúdos e metodologias que subsidiem os professores na construção de boas bases teórico-práticas e que possibilitem a refletirem sobre a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira e a considerá-la quando da execução de suas práticas pedagógicas favorecem a uma maior percepção do fenômeno da discriminação racial no campo da educação.

A questão da invisibilidade é muito mais profunda, pois está arraigada a valores histórico-culturais que estão no alicerce da percepção de mundo e de sociedade, como também da forma como enxergamos o outro e a nós mesmos. Os aspectos culturais afro-brasileiros necessitam ser vistos e explorados por todo o sistema educacional do Brasil



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como meio de minimizar o preconceito, o racismo e a discriminação que ainda dominam a sociedade brasileira e afligem os estudantes negros (as) do país.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R.; FILHO, W. F. **Uma História do Negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. (Trad. Fernando Tomaz). 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2ª ed. 2005.

RAMOS, Sílvia (org.). **Mídia e racismo**. – Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SCLIAR, Moacyr. "Introdução", In Henry Beard & Christopher Cerf. **Dicionário do Politicamente Correto**. São Paulo, L&PM, 1994.

SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al...]. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

SILVA JR, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. – Brasília: UNESCO, 2002. 96 p.